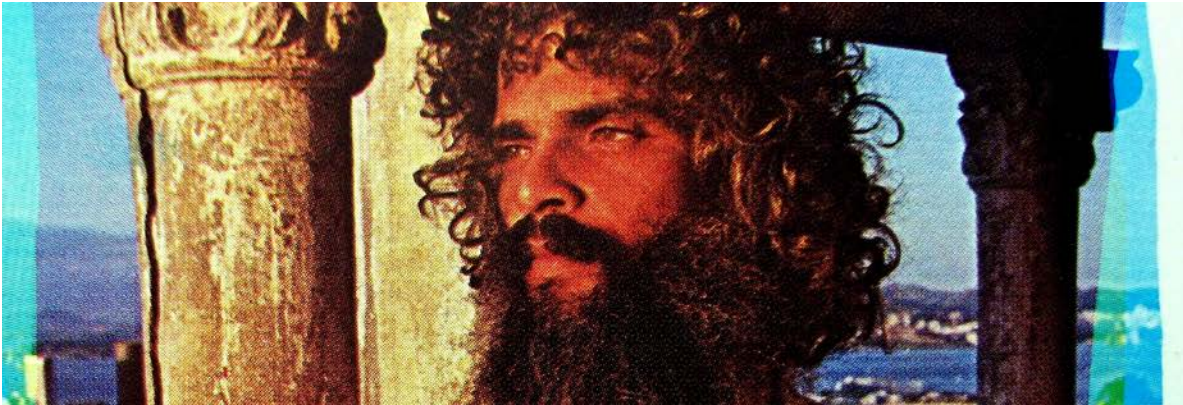


## Desengano: a valsa da esperança em Lula Côrtes.

*Por Miguel Euclides da Silva*



### Desengano

Toda vez que olho o desengano  
Nas frases do canto fosco dessa juventude  
Sinto meu sorriso magro  
Meu rosto suado se encarquilhar  
E quando franzo a testa  
E sério suo o rosto cor de madrugada  
E quando me deprimos e curvo os ombros pra pensar

Penso nos martírios  
Todos os delírios loucos que vivenciamos  
E vejo por quantos anos nos aventuramos querendo voar  
Voar pra sair de perto  
De todo deserto desses abandonos



E constatando o desengano se despedaçar

Desfeito em pedaços

Sigo no encaço desse sonho

Vejo meu sorriso magro

Coração amargo se atrapalhar

Quando franzo a testa

E sério suo o rosto cor de madrugada

Quando abro os olhos, olhos claros para o mar

[Lula Côrtes (1949-2011), “O gosto novo da vida”, 1980.]

Foi mergulhando nas ruínas de um sonho que o compositor, poeta e artista plástico Lula Côrtes decidiu abrir o álbum “O gosto novo da vida”, em 1980. A faixa “Desengano” trazia consigo o saldo das lutas vivenciadas pela juventude dos anos sessenta, encarando o pior resultado para aqueles que sonharam e sonham: o desperdício de tempo e a falta de perspectiva. Contrastando com as notas amargas da desilusão, a intersecção entre poesia, música (contribuição de Tito Lívio) e imagem, compunham a pintura agridoce de mais uma experiência sinestésica proposta pelos pernambucanos do movimento “Udigrudi”, que, no fim das contas, evocava resistência e esperança.

*“ (...) eu acho um nome muito pejorativo, porque me parece que está se referindo a hippies sujos, sabe? Quando muitas pessoas limpas e de paletó da época me pareceram e me parecem até hoje ter um comportamento muito mais duvidoso e talvez nojento ”- Lula Côrtes sobre o movimento “Udigrudi” em entrevista ao programa Observa e Toca em 2011.*

“Desengano” propõe uma digressão motivada pelo derrotismo. Está repleta de recursos poéticos e interpretativos que ilustram um cenário de reflexão e reavaliação. Das escolhas lexicais à entonação monotônica de uma voz relutante e solitária, observamos a construção de uma narrativa circular de ascensão e queda, que se revitaliza na esperança depositada no fim de cada ciclo. É uma sequência de eventos, causas e efeitos mediados pela sensibilidade do eu-lírico.



Em consonância com as palavras, caminha o lado musical. A primeira correlação fica evidente quando destacamos a **marcação do compasso ternário presente** na versificação:

“**PE**nso **nos** **mar**TÍrios  
**TO**dos **os** **de**LÍrios  
**LOU**cos **que** **vi****VEN**ciamos”

Deste padrão de acentos tônicos fortes e fracos recorrentes durante a canção (e que acabam sublinhando a pulsação utilizada na música), depreendemos o efeito de fluidez e naturalidade com que as palavras se concatenam no arranjo da composição. O ritmo se enriquece no uso de aliterações e assonâncias, por vezes equivalendo até ao contratempo. Observa-se também um sistema de tensão e resolução sonora que expressa o sentido de progressão: uma dimensão retórica onde o som aberto das rimas: “**encarquilhar / pensar / voar / despedaçar / atrapalhar / mar**” é responsável por pontuar a alternância cumulativa das recorrências que as antecedem.

As oposições entre as imagens, manifestas no decorrer da canção, suscitam teses e antíteses que, por sua vez, sintetizam um novo olhar para o mundo por meio do desengano. São escolhas para além da estrutura onde, assim como em outras obras de Lula Côrtes, recorrem à integração entre humanidade e natureza como forma de traduzir sentimentos angustiantes e contraditórios. Os olhos, que nos versos iniciais refletem a desilusão do outro, são os mesmos que se voltam ao mar e ao horizonte na expectativa de qualquer mudança. Se a solução para “sair de perto de todo deserto desses abandonos” não foi “voar”, talvez agora estivesse nas águas, ou em qualquer outro lugar que não a desilusão.

Num ano como 2020, passamos por uma sequência de eventos que parecem cada vez mais difíceis e insuperáveis. Achei pertinente resgatar a música de um compositor tão amargo quanto esperançoso. A oficina “O que tem de música num poema” ministrada pelo professor Pedro Marques foi uma excelente oportunidade para que eu pudesse, mesmo que brevemente, propor esta análise e registrar a importância do desengano como caminho para esclarecimento, seja este qual for. Seguimos no encalço dos sonhos, mas nunca derrotados.

